



Carmen Soares
Cilene da Silva Gomes Ribeiro
(coords.)

MESAS
LUSO-BRASILEIRAS
ALIMENTAÇÃO, SAÚDE & CULTURA

VOLUME II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PUCPRESS

INTERSECÇÕES ENTRE O LOCAL E O GLOBAL A PARTIR DAS ESCOLHAS ALIMENTARES DE IMIGRANTES TRANSNACIONAIS EM AMSTERDÃ

(Intersections between local and global from the food
choices of transnational immigrants in Amsterdam)

CARLA PIRES VIEIRA DA ROCHA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC/BRASIL
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS/CFH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS – PPGICH
CARLAPVROCHA@GMAIL.COM

CARMEN SÍLVIA RIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC/BRASIL
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS/CFH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR
EM CIÊNCIAS HUMANAS – PPGICH
RIAL@CFH.UFSC.BR

RESUMO: Este texto tem como meta explorar o que vem moldando as práticas alimentares de imigrantes transnacionais na cidade de Amsterdã e repercutindo na configuração de seus estilos de vida nessa cidade. A partir de uma abordagem etnográfica, consideramos como foco de análise a interlocução entre as práticas alimentares, o projeto migratório desses indivíduos e a paisagem alimentar de Amsterdã. As intersecções entre o global e o local, entendidos em suas dimensões culturais, são consideradas fundamentais no sentido de compreender o que vem moldando a alimentação desses imigrantes, dado o contexto de intensificação dos processos globais.

PALAVRAS-CHAVE: alimentação, migrações, migrações transnacionais, globalização, global, local.

ABSTRACT: This text aims to explore what is shaping the food practices of transnational immigrants in the city of Amsterdam and reflecting on the configuration of their lifestyles in this city. From an ethnographic approach, we consider as an analytical focus the dialogue between food practices, their migratory project and the food landscape of Amsterdam. The intersections between the global and the local, understood in its cultural dimensions are considered essential in order to understand what is shaping the food of these immigrants, given the context of intensification of the global processes.

KEYWORDS: food, migration, transnational migrations, globalization, global, local.

Emigrar para um outro país envolve redimensionar estilos de vida. No que se refere à alimentação, deslocar-se para um outro contexto, abarca lidar com uma paisagem alimentar diversa, entrar em contato com práticas e hábitos alimentares distintos. Nesta órbita, alguns ajustes são necessários. Estes ajustes têm relação com a oferta alimentar, com o contato com essas novas práticas e também com as possibilidades relacionadas à estruturação do projeto de vida pretendido.

Este texto, portanto, tem como meta explorar o que vem moldando as práticas alimentares de imigrantes transnacionais¹ na cidade de Amsterdã e repercutindo na configuração de seus estilos de vida nessa cidade. A partir de uma abordagem etnográfica, e tomando como prisma teórico a intersecção entre o global e o local, entendidos em suas dimensões culturais, centramos o enfoque de análise nas práticas alimentares desses indivíduos, buscando verificar se suas práticas alimentares permanecem, sob que modalidades permanecem ou se são desestabilizadas com sua migração, levando também em conta seus projetos migratórios e ainda a paisagem alimentar de Amsterdã. A imbricação desses três fatores é vista como fundamental no sentido de evidenciar, acima de tudo, a emergência de heterogeneidades no campo alimentar decorrentes da intensificação dos processos globais em vigor, refletindo-se igualmente na alimentação em contexto migratório.

I. IMIGRANTES TRANSNACIONAIS EM AMSTERDÃ

Amsterdã é exemplo significativo entre capitais mundiais marcadas por forte presença migratória. De acordo com dados do governo, 178 nacionalidades estariam ali representadas². Embora não contemple integralmente tal diversidade, esta pesquisa fornece algumas pistas do que vem motivando indivíduos de diferentes partes do mundo a deixarem seu país de origem e sobre como vêm estabelecendo seus projetos de vida nessa cidade. Os sujeitos da pesquisa são homens e mulheres, com idades entre 21 e 54 anos, de camadas sociais médias, provenientes de diferentes países, incluindo alguns do continente sul-americano (Venezuela, Panamá, Jamaica, Brasil), e também África e Europa. A maioria veio para Amsterdã com um projeto migratório individual, envolvendo principalmente a busca de trabalho. Amsterdã é hoje considerada um dos locais mais privilegiados do continente europeu nesse sentido. No entanto, estudo, turismo ou mesmo questões afetivas também foram apontadas como motivos para desencadear tais deslocamentos. Em

¹ Basch, Schiller, Blanc 1997; Baubock, Faist 2010.

² *My first month: all you need to know and note*, Expatcenter Amsterdam, 11th ed., Jan. 2015.

alguns casos, a emigração para a cidade é continuidade de uma experiência migratória anterior em um ou mais países.

A escolha de Amsterdã como destino para tais indivíduos estabelecerem seus estilos de vida também envolve representações e imaginários relacionados à cidade assim como ao movimento migratório em si. Nas falas desses imigrantes, “aberta”, “multicultural” e “tolerante” são termos correntemente associados à cidade. Em virtude disso, algumas expectativas são também nutridas com relação à forma de modelarem seus estilos de vida, especialmente no que concerne à alimentação.

No entanto, ao se confrontarem com determinadas realidades, em certos casos, são forçados a reverem seus planos ou empreenderem esforços no sentido de conciliarem seus projetos idealizados com a realidade que se apresenta. Um exemplo significativo refere-se à esfera profissional; algumas dessas pessoas têm formação universitária, mas a falta de domínio do idioma holandês, a indocumentação ou mesmo a escassez de oferta em sua área de atuação são fatores que redundam em abraçarem empregos temporários, de menor qualificação exigida e não tão vantajosos do ponto de vista financeiro, como serviços de limpeza, tele-marketing, atendimentos em pequenos comércios ou restaurantes.

Com relação à moradia, o mais frequente é alugarem quartos em apartamentos ou casas, pois, comparativamente a algumas outras capitais europeias, o preço dos aluguéis em Amsterdã é considerado bastante elevado. Isso também significa dividir o espaço da cozinha, dos armários, da geladeira, entre demais lugares destinados ao armazenamento e processamento de alimentos. Em consequência, envolve otimizar a utilização desse ambiente, ressoando em ajustes nas práticas alimentares. Ainda assim, costumam comprar os ingredientes, preparar suas próprias refeições e ingeri-las individualmente. Mas as práticas alimentares desses indivíduos ainda são marcadas por outros fatores, como será abordado mais adiante.

2. A CIDADE DE AMSTERDÃ

Utilizando a metáfora *janela para o mundo*, Hannerz (2002) descreve Amsterdã, a partir das marcas de transnacionalidade em seu espaço público: de natureza semelhante a grandes cidades na Europa Ocidental e América do Norte, esta capital abriga empresas globais como *Benetton*, *Marks & Spencer*, *Kentucky Fried Chicken* ou *McDonalds*. O mesmo ponto de vista recai para a população da cidade, composta por indivíduos de origens diversas. Além dos traços na população, a variada presença migratória na cidade é visível de maneira expressiva em sua paisagem alimentar.

Emigrar não significa somente mudar de país, mas implica modificações em uma série de fatores da vida cotidiana. No que diz respeito à alimentação, se deslocar para um novo contexto, inevitavelmente envolve ajustes. Estes ajustes refletem as diferentes dimensões que perfazem o universo da alimentação (social, cultural, comunicativa, emocional, psicológica, política, econômica, ambiental, ética), ressaltando aspectos que vão muito além do seu caráter nutritivo. Como observa uma imigrante provinda da Itália, há 10 anos longe de seu país natal: “quando você emigra, a comida é a primeira coisa que você leva; mesmo que não a carregue fisicamente, você quer cozinhar, você quer comer e o que você come é uma coisa muito difícil de mudar”. As referidas modificações no cotidiano também incidem em abrir mão de hábitos em favor de novas dietas restritas a uma determinada oferta. Embora seja consenso que a alimentação não está circunscrita à disponibilidade de ingredientes, pois abarca as dimensões mencionadas, assim como a oferta de comidas também não implica necessariamente o seu acesso, o fato de não poder dispor de certos itens alimentares, muitas vezes, pode representar um empecilho a mais para que o indivíduo consiga se adaptar a uma outra situação, na qual o estranhamento não se resume à comida; em um novo país há que se lidar com um outro idioma, outro clima, outros padrões culturais, etc.

No que concerne à paisagem alimentar de Amsterdã, sobretudo a oferta diversificada de produtos étnicos em pequenos mercados ou supermercados de grandes redes, é unanimemente vista de maneira positiva por esses indivíduos. A primeira razão está em não encontrarem maiores dificuldades, quando a finalidade é reproduzirem comidas dos seus países de origem ou manterem determinados hábitos cultivados antes de emigrar.

Além disso, em certos casos, ainda que não se apropriem de muitos desses produtos, essa paisagem vai ao encontro de expectativas e representações nutridas com relação não apenas às dimensões culturais da alimentação, mas também da migração e da própria cidade, evidenciando como as inter-locações entre o global e o local são atravessadas por essas dimensões. Um exemplo nesse sentido é o argumento de uma imigrante vinda da Itália (31 anos), reclamando da ausência de produtos representativos de outras culturas alimentares onde vivia, na região da Sicília: “Eu me sinto feliz de ter escolhas; quando você mora em uma cidade onde você pode comprar frutas que vêm do Marrocos, da Índia, da Indonésia, etc., isso quer dizer que esta cidade está provisionando essas pessoas também. Quer dizer então que você está morando em uma cidade multicultural e eu gosto disso”.

O mesmo argumento ainda possibilita refletir sobre como a comida vem dando razão à constituição de estilos de vida cosmopolitas³, por meio

³ Hannerz (2002) define cosmopolitanismo como uma “[...] orientation, a willingness

de projetos migratórios – entendidos aqui como projetos de vida⁴. Nessa perspectiva, a paisagem alimentar globalizada de Amsterdã representa um universo amplo de escolhas, incluindo produtos industrializados, distribuídos e comercializados em nível planetário, comidas *eticamente neutralizadas*, nas palavras de Mintz (2001) – como macarrão e pizza, por exemplo – mas ainda por uma diversidade de outros itens que, assim como ocorre em outras capitais globais⁵, indicam uma presença bastante variada de imigrantes⁶.

Apropriar-se localmente de muitos destes produtos pode significar dar sentido a suas dietas individuais e igualmente dar sentido à configuração de determinados estilos de vida, enquanto algo que define essas pessoas. Nessa concepção, tomamos como referência a noção de Giddens (2002), para quem *estilo de vida* consiste em um conjunto mais ou menos integrado de práticas abraçadas por um indivíduo que, além de preencherem necessidades utilitárias, dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade.

Em tal direção, são elucidativas certas expressões utilizadas pelos imigrantes em questão ao atribuírem significados aos seus deslocamentos:

“Necessito ver outras culturas, comer outras comidas, falar outro idioma, conhecer outra gente”. (Luzia, 27 anos, Argentina).

“Eu quero descobrir mais, eu não quero voltar para o lugar de onde vim, ninguém quer voltar para trás, a gente quer ir mais longe, não fisicamente, mas em termos de experiência [...]. Eu gosto de estar com pessoas de diferentes países, falar inglês é um pouco difícil na Itália. [...] Eu quero comprar alguma comida de outro país e, dependendo de onde você mora na Itália, não é muito fácil”. (Gina, 31 anos, Itália).

Esses depoimentos possibilitam vislumbrar que a comida tem um papel importante nas experiências migratórias, assumindo significados distintos, conforme o contexto no qual é consumida. Enquanto estes relatos evidenciam uma disposição para imigrantes se integrarem à cultura alheia através da alimentação – nos termos de um cosmopolitismo –, igualmente revelam como a alimentação pode se constituir em ingrediente fundamental na motivação do deslocamento para um novo país, ainda que muitas vezes o consumo de certos produtos não se efetive da maneira imaginada.

to engage with the Other. It is an experience of intellectual and aesthetic openness to divergent cultural experiences, a search for contrasts rather than uniformity. [...] Cosmopolitans may be amateurs as well as experts, and are often both, at different times [...]. Cosmopolitanism most often has a narcissistic streak, the self is architected space where cultures reflect each other”.

⁴ Velho 2003.

⁵ Sassen 1998.

⁶ Abordagens sobre como se configura o atual período da globalização alimentar, ver: Iglis, Gimlin 2009; Nuetzenadel, Trentmann 2008; Phillips 2006; Rial 1995.

3. MODERNIDADE ALIMENTAR E NOVAS DIETAS

Além do que já foi mencionado, a paisagem alimentar de Amsterdã é referenciada pelos imigrantes como um campo de possibilidades para darem continuidade a dietas que vinham mantendo antes do deslocamento ou então por viabilizar a implementação de novas dietas nessa cidade. As dietas em questão estão alinhadas a algumas tendências da alimentação contemporânea no mundo ocidental, sobretudo a que expressa uma crescente medicalização das práticas alimentares. Levando isso em conta, tais dietas baseiam-se na ressignificação de muitos produtos, que no contexto da referida paisagem, poderiam ser categorizados como essencialmente étnicos. Nesta medida, os mercados turcos são considerados comércios mais acessíveis do ponto de vista econômico e, relativamente, locais também viáveis para se comprar produtos que têm sido referidos como *suplementos nutricionais*, sobretudo nos discursos que se vêm disseminando nas diferentes mídias: óleo de coco, castanhas variadas, frutas secas, sementes, cereais, grãos, etc. Na mesma ótica, os mercados asiáticos são vistos como alternativa para se encontrar temperos e especiarias voltados, entre outras funções, para “fortalecer o sistema imunológico”. Já os supermercados de maior porte, incluindo suas prateleiras de produtos étnicos, são referências com relação a produtos vegetarianos, veganos, sem glúten, sem açúcar e provindos de diversos países.

No que diz respeito a modificações na alimentação, novas dietas ou a adoção de certas prescrições alimentares⁷ já faziam parte do estilo de vida de algumas dessas pessoas antes da emigração; outras foram implementadas depois de deixarem o país de origem, resultando de novas experiências incorporadas na Holanda ou mesmo em deslocamentos anteriores. Seguem alguns exemplos:

- Gina (31 anos), quando residiu na província de Sichuan, na China, passou a rever a alimentação que mantinha anteriormente na Itália, seu país de origem, sobretudo o que considera o consumo excessivo de macarrão, passando a substituir este pelo arroz. Se durante os 8 anos que residiu na Ásia, a mudança de uma tradição familiar diária coincidiu com o difícil acesso a esse produto proveniente da Itália naquele continente, hoje, em Amsterdã, apesar da ampla oferta desse item, segue rigorosamente a regra de ingeri-lo somente duas vezes ao mês. Em seu argumento, é o mais conveniente para manter um “estilo de vida saudável”. Nas suas palavras, macarrão é carboidrato e “não faz bem consumir muito carboidrato”.

⁷ A fim de explorar o tema do ponto de vista da modernidade alimentar, ver Fischler 2015.

- Omar (29 anos), de origem africana (Costa do Marfim), vem reduzindo o açúcar e incorporando mais frutas e verduras em suas refeições, acreditando ter melhores resultados nas suas atividades esportivas.

- Para Anna (54 anos), que nasceu na Jamaica, mas viveu muitos anos nos Estados Unidos antes da mudança para Amsterdã, evitar o glúten e laticínios, assim como inserir *superfoods*⁸ nas suas refeições, são consideradas alternativas mais viáveis para se manter saudável.

- Na percepção de Karen (33 anos), proveniente da Áustria, trocar uma refeição completa de almoço por alimentos que considera mais energéticos, como chocolate e açúcares em geral, é uma opção corrente para enfrentar o cotidiano de trabalho. Na sua percepção, esses alimentos fornecem o que necessita para se manter em “movimento”. Este movimento também refere-se ao deslocamento migratório, pois em seus planos, este não se resumirá à capital holandesa.

- Paula (33 anos) afirma ter engordado oito quilos desde chegou a Amsterdã. Por esta razão, tem se esforçado para reduzir doces e fazer suas refeições de três em três horas, “como recomendam os nutricionistas”, com a intenção de tentar recuperar o peso do período anterior à emigração. Além disso, apesar da oferta mais variada de alimentos com relação a da cidade em que vivia no Brasil, comer arroz, feijão, carne e salada diariamente, mais do que dar continuidade a um hábito mantido no país natal, virou sinônimo de consumir itens que fornecem “proteínas, vitaminas e sais minerais [...] todos os nutrientes necessários” para enfrentar as árduas horas de trabalho com a limpeza de casas em Amsterdã.

Ao serem indagados sobre a maneira pela qual são geridas as suas dietas, a maioria desses indivíduos relatou buscar informações sobre o caráter nutricional dos alimentos, receitas, assim como dietas específicas, predominantemente através da Internet, em blogs ou sites de notícias. Nesse sentido, é interessante lembrar que, do ponto de vista da globalização alimentar, outros fluxos associados à comida, como o de textos, imagens e informações também vêm ganhando cada vez mais expressão, por intermédio das tecnologias comuni-

⁸ *Superfoods* ou “superalimentos” são termos cada vez mais populares nos discursos associando alimentação e saúde, especialmente nas mídias, para designar alimentos benéficos para a saúde e com alta densidade nutricional.

cacionais⁹, resultando em mudanças de ordens diversas na maneira pela qual nos relacionamos com a alimentação.

Esse panorama também revela que as interlocuções entre o local e o global na esfera alimentar envolvem processos de desterritorialização e reterritorialização que não ocorrem apenas com alimentos. Conforme Ina e Rosaldo¹⁰, hábitos alimentares também podem ser desterritorializados por projetos globais e, simultaneamente, ser reincorporados em algum lugar, à medida que as pessoas reelaboram suas ideias sobre a comida e o mundo. No caso da alimentação em contexto migratório e, levando em conta os relatos citados, essa reelaboração é perpassada por fatores relativos a novos projetos de vida condizentes com as possibilidades do contexto em questão e também com um fator de ordem mais ampla, qual seja a dinâmica da modernidade alimentar vigente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões apresentadas mostram que as escolhas alimentares de imigrantes transnacionais na cidade de Amsterdã e a manutenção ou configuração de novos estilos de vida relacionados à alimentação dependem de uma série de fatores e se expressam de diferentes maneiras. No caso deste estudo, assim como a origem dos indivíduos é bastante variada, as razões que os levam a deixar seu país e mesmo seus projetos migratórios são também distintos, englobando múltiplos fatores. Esse quadro, afora sinalizar a complexidade das migrações internacionais contemporâneas¹¹, aponta para complexidade de se tentar delinear as práticas alimentares de sujeitos com experiências relacionadas à comida e com trajetórias de vida tão distintas.

Em contrapartida, na observação de suas práticas e ao discorrerem sobre como lidam com a alimentação, sobretudo o que move suas escolhas cotidianas, como se apropriam daquela paisagem alimentar da cidade e mesmo o que significa consumir determinados alimentos, tem sido possível identificar alguns aspectos que revelam como o global e o local, neste âmbito, podem assumir diferentes significados em função do contexto onde se dá o consumo alimentar. Nessa perspectiva, evidenciam não apenas como o global vem sendo expresso por meio de heterogeneidades, mas como a noção de local tem sua natureza construída, contingente e passível de mudanças.

⁹ Appadurai 1990; Appadurai 1996.

¹⁰ apud Phillips 2006.

¹¹ Patarra 2006.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado durante a vigência de uma bolsa de estudos apoiados pelo programa de cooperação internacional CAPES/NUFFIC na VU – *University Amsterdam*. Financiado pela CAPES – Agência Federal de Apoio e Avaliação da Educação Superior do Ministério da Educação do Brasil.

REFERÊNCIAS

- Appadurai, A. (1990), “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy”, in P. Williams, L. Chrisman (eds.), *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*, Columbia University Press, New York, 324-339.
- Appadurai, A. (1996), *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*, University of Minnesota Press, Minneapolis.
- Basch, L., Schiller, N. G., Blanc, C. S. (1997), *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*, Amsterdam, Gordon and Breach Publishers.
- Baubock, R., Faist, T. (2010), *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*, Amsterdam University Press, Amsterdam.
- Fischler, C. (2015). *Selective Eating: The Rise, Meaning and Sense of Personal Dietary Requirements*, Odile Jacob, Paris.
- Giddens, A. (2002), *Modernidade e Identidade*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 70-104.
- Hannerz, U. (2002), *Transnational Connections. Culture, People and Places*, Routledge, Londres.
- Iglis, D., Gimlin, D. (eds.) (2009), *The globalization of food*, Berg, New York.
- Mintz, S. W. (2001), “Comida e Antropologia: uma breve revisão”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 16.47: 31-42.
- Nuetzenadel, A., Trentmann, F. (2008), *Food and globalization: consumption, markets and politics of the Modern World*, Berg, Oxford.
- Patarra, N. L. (2006), “Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais”, *Estudos Avançados* 20.57: 7-24, Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002&lng=pt&nrm=iso>, Acesso em: 03 nov. 2014.
- Phillips, L. (2006), “Food and Globalization”, *Annual Review of Anthropology* 35: 37-57.
- Rial, C. S. (1995), “Os charmes dos fast-foods e a globalização cultural”, *Antropologia em Primeira Mão* 7: 1-17.
- Sassen, S. (1998), *As cidades na economia mundial*, Nobel, São Paulo.
- Velho, G. (2003, 3.^a ed.), *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*, Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

(Página deixada propositadamente em branco)